

**A MATEMÁTICA DO DISCIPULADO: UM MAIS UM**

**A**ndré vivia uma ardente expectativa da vinda do Messias, já que ser dominado pelo estrangeiro, trabalhar e ser explorado, era a grande humilhação para Israel. No entanto, havia vozes pedindo adesão, grupos que cultivavam crenças as mais diversas apelavam ao coração de um jovem como ele. Mas André não ouviu nenhuma outra voz, a não ser a de João Batista apontando para Jesus (Jo 1.36,37).

O que fez André dar ouvidos a João Batista e ir ao encontro de Jesus? Foi o conteúdo do testemunho, que tinha uma mensagem para o presente e para o futuro. Todos sabemos que o pecado tira a alegria de Deus da vida humana. Uma pessoa dominada pelo pecado, vive sob o jugo do erro, não sente prazer na alma, no interior. O pecado dá um prazer meramente físico, momentâneo. Para o pecador é sempre quarta-feira de cinzas após uma noite de pecado. O pecado praticamente vicia e no final gera a morte, pois o salário do pecado é a morte. E como diz a Bíblia: “um abismo gera outro abismo”. O pecador é escravo do pecado, sua alma geme.

É aqui que reside a diferença do evangelho que aquele jovem ouviu: “*Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*”. Foi exatamente isto que tocou André: ver-se livre da maldição do pecado. Uma alma lavada no sangue do Cordeiro, uma vida liberta, era o que Jesus ofertava.

A matemática espiritual do evangelho pode ser ilustrada metaforicamente pelo que aconteceu com André. Ele ouviu o testemunho de João, foi até Jesus, e depois trouxe seu irmão Pedro. É deste jeito que a igreja cresce. Vamos estudar, neste número de Atitude, a matemática do discipulado.

Um bom estudo.

ISSN 1984-8382

Literatura Batista  
Ano CXII – Nº 447

**Atitude Professor** é uma revista de orientações didáticas para professores de jovens na Escola Bíblica Dominical seguindo a matriz curricular da edição do aluno

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

#### Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

#### Editor

Sócrates Oliveira de Souza

#### Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida  
(RP/16897)

#### Redação

Valtair Afonso Miranda

#### Produção Editorial

Oliverartelucas

#### Produção e Distribuição

Convicção Editora  
Tel.: (21) 2157-5567  
Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2  
1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
literatura@convicaoeditora.com.br

## //SUMÁRIO

Para começar.....	1
Pauta musical .....	3
Conversa de professor .....	4
LIÇÃO 1 – O que é discipulado cristão.....	10
LIÇÃO 2 – Características do discipulado cristão .....	13
LIÇÃO 3 – Exemplos bíblicos de discipulado .....	16
LIÇÃO 4 – Discipulado cristão na Carta aos Romanos .....	19
LIÇÃO 5 – Discipulado cristão nas Cartas aos Coríntios .....	22
LIÇÃO 6 – Discipulado cristão na Carta aos Gálatas.....	25
LIÇÃO 7 – Discipulado cristão na Carta aos Efésios .....	28
LIÇÃO 8 – Discipulado cristão na Carta aos Filipenses .....	31
LIÇÃO 9 – Discipulado cristão na Carta aos Colossenses .....	34
LIÇÃO 10 – Discipulado cristão nas Cartas aos Tessalonicenses.....	37
LIÇÃO 11 – Discipulado cristão nas Cartas de Pedro .....	40
LIÇÃO 12 – Discipulado cristão nas Cartas de João .....	43
LIÇÃO 13 – Discipulado cristão: uma visão atual .....	46

# O SEGREDO DO VIVER

1. Quan-do me cer-car o mal, ao ru-gir o tem-po-ral,  
 2. Quan-do a dor ou a a-flí-ção per-tur-bar meu co-ra-ção,  
 3. Quan-do fra-co me sen-tir, quan-do mun-do me o-pri-mir,  
 4. Quer nas tre-vas, quer na luz, sem-pre per-toes-tá Je-sus,

em Je-sus vou con-fi-ar, pois ja-mais i-rá fa-lhar.  
 é pre-ci-so con-fi-ar, e a Je-sus tu-do-en-tre-gar.  
 e pe-sar a mi-nha cruz, "Crê so-men-te!", diz Je-sus.  
 per-toe pron-to pra sal-var quem so-men-te con-fi-ar.

O se-gre-do do vi-ver, o se-gre-do do ven-cer,

é em Cris-to con-fi-ar, pois ja-mais i-rá fa-lhar.

HCC- nº 357

Letra: Henry Maxwell Wright (1849-1931)

Música: John J. Richardson, 1853

TICHFIELD

7.7.7.

com estribillo

## APRENDER A ENSINAR

*“Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutro, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição, decisão, ruptura. Exige de mim uma escolha: uma melhor escolha entre isso e aquilo.”*

*“Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já se descuidado e de já não ser testemunho que deve ser do lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste.” (Paulo Freire)*

*“Não há nada mais paradoxal do que a relação pedagógica (...)”*  
(Franklin Leopoldo e Silva)

Em nosso jeito habitual de definir as coisas, as oposições desempenham um papel muito relevante. Conhecemos o preto por oposição ao branco, o frio por oposição ao quente, o sólido por oposição ao líquido; também sabemos o que é muito por oposição a pouco, o diferente por oposição ao idêntico e múltiplo por oposição ao uno. Estendendo esta oposição às relações humanas, fazemos o mesmo jogo quando opomos o pai ao filho, o marido à esposa e o amigo ao inimigo. Parece que discernimos tudo com mais nitidez quando logramos levar as diferenças até a oposição. É assim

também que julgamos saber o que é ser professor quando contrapomos esta condição à do aluno. Alias, este é um daqueles casos em que definir por oposição permite extrair várias consequências em termos de conduta, de direitos e deveres, e até de posições hierárquicas.

Entretanto, não é difícil perceber que tais distinções nos permitem definir ao termos na exata medida em que os relacionamentos, no sentido de estabelecer uma dependência mútua. Isto significa que definir por oposição é conhecer uma coisa pela outra, o que, no limite, forma uma

rede de relações em que cada coisa é conhecida por meio de outra, o que implica sempre a presença de pelo menos dois termos. O que nos permite dizer, então, que as coisas se ligam mais do que a maneira pela qual se excluem. É por isso que a oposição deixa de ser útil no conhecimento e na experiência de vida quando a traduzimos em separação pura e simples. E esta é uma tentação frequente, à medida que nos inclinamos a entender que a visão clara de cada coisa em si mesma supõe considerá-la como se existisse única e exclusivamente por si.

Nem é preciso refletir muito para notar quanto as atitudes exclusivas contribuem para a deterioração das relações humanas. É por separar-me completamente do outro que venho a acreditar que ele

está errado e, portanto, excluído da verdade que eu possuo, o que me outorga o direito de desprezá-lo, de tutelá-lo, de modificar sua conduta e, no limite, de eliminá-lo. Meu comportamento seria diverso se pudesse ver na diferença um enriquecimento da afinidade, já que o caráter produtivo das relações está na compreensão e na vivência da diversidade. Compreender a identidade é inseparável da compreensão da alteridade, porque o que sou para mim mesmo se manifesta constantemente naquilo que sou para os outros e naquilo que eles são para mim.

Assim, ninguém pode aprender autenticamente o que significa ser professor se esquecer, por um momento sequer, a oposição complementar pela qual esta significação



se constrói: o aluno, tanto no aspecto da interação e do relacionamento quanto no aspecto da irredutível diferença e singularidade. Que a escola e o professor somente existam em função do aluno parece óbvio, mas esta evidência se revela ilusória assim que procuramos compreender um pouco mais detidamente a função do professor.

Porque não há nada mais paradoxal do que a relação pedagógica. Ela significa conduzir o outro à sua própria autonomia, e sem dúvida há algo de quase contraditório nesta definição e neste propósito. Toda a dificuldade da relação e da formação inerentes ao processo educativo está contida neste paradoxo.

Vivemos numa sociedade da produção em que o crédito do êxito está ligado ao produto e às técnicas de produzi-lo eficientemente. Ora, qual poderia ser o produto da educação senão os indivíduos adestrados para suas tarefas e socialmente ajustados ao sistema produtivo? E como se poderia definir a tarefa do professor a não ser por essa produção e os meios pelos quais ele a desempenha satisfatoriamente? O que se espera da escola e do professor é que eles produzam indivíduos que atendam às solicitações de uma sociedade de mercado. A qualidade dos estabelecimentos de ensino é julgada por esse critério. Por isso se diz que uma sociedade equilibrada e consciente de seus valores produz bons indivíduos, isto é, produtos úteis, bem acabados e com melhoria do produto.

*Vivemos numa  
sociedade da  
produção em que  
o crédito do êxito  
está ligado ao  
produto e às técnicas  
de produzi-lo  
eficientemente*

Para que esse desideratum pudessem ser cumprido, seria necessário instituir entre o professor e o aluno a mesma distinção e separação que existe entre o fabricante e o seu produto. Seria preciso que o professor fosse um técnico e o aluno uma coisa. Os fins e os meios de atingi-lo teriam de ser igualmente reificados. Esta é, felizmente, uma tarefa absolutamente impossível de ser cumprida. Tanto nos sucessos quanto nos fracassos da educação, as causas e razões não podem ser atribuídas, como no caso da fabricação, à matéria-prima, aos recursos tecnológicos e às formas de empregá-los, porque se trata de uma relação humana em que os meios e os objetivos devem ser experimentados na tensão das diferenças e na busca comum de uma síntese difícil e sempre incompleta entre as singularidades individuais, vividas na especificidades de situações históricas e sociais muito pouco previsíveis e controláveis.

Neste sentido, é correto afirmar que o professor existe em função do aluno, e vice-versa, desde que essa relação seja entendida não de forma contrastante e extrínseca, mas a partir de uma solidariedade profunda que só pode existir num contexto de compreensão da pessoa, na multiplicidade convergente dos aspectos, individuais e coletivos, subjetivos e histórico-sociais. As posições respectivas do professor e do aluno não estão nunca definidas, elas têm que ser construídas na experiência dialogante em que se inventam as respostas nas diferentes situações. E não existiria nada de mais contrário a esta perspectiva do que a consolidação de uma oposição baseada na diferença excludente entre o ensinar e o aprender. Pois se a formação consiste na construção de uma consciência crítica, a educação formadora não pode ser modelagem, mas, sim, a constante renovação das ocasiões para que cada indivíduo libere sua singularidade e aprenda a vivê-la no contexto de uma sociabilidade autêntica, aprendendo ao mesmo tempo como se conduzir para que tais metas sejam ao menos um horizonte de futuro, uma esperança plausível.

A desvalorização do professor, a recusa social que o discrimina em várias dimensões, a começar pela remuneração e condições de trabalho, as críticas e as propostas de reforma do ensino em seus vários níveis expressam fundamentalmente o descontentamento do sistema que não pode deixar de perceber a

característica que, apesar de tudo, persiste oculta, deformada, como um resíduo no fundo da relação pedagógica: a emancipação, requisito para que o indivíduo possa assumir de fato a sua humanidade. A transformação da educação em mercadoria aparece então como a odiosa moderna para a reinserção da educação e do educador na atualidade de um mundo em que a produção e o consumo, de um lado, e a competitividade e o egoísmo, de outro, representam os únicos parâmetros de julgamento.

Nesta época catastrófica em que nos coube viver, sitiados pelos paradigmas de alienação, hesitantes quanto ao presente, incertos quanto ao futuro, cabe tomar consciência de que precisamos aprender a ensinar o valor da resistência.

### **Desafio de ser professor**

Em épocas passadas, o bom professor era aquele que sabia tudo e conseguia “guiar” seus alunos. Os

• • •  
• • • *As posições*  
• • • *respectivas do*  
• • • *professor e do aluno*  
• • • *não estão nunca*  
• • • *definidas, elas têm*  
• • • *que ser construídas*  
• • • *na experiência*  
• • • *dialogante*



tempos mudaram e o mundo também. Que características deverá ter o professor para enfrentar esse século?

A atividade de professor talvez seja a mais digna das profissões. O que seriam de todos nós se não tivéssemos aquela “mão” alfabetizadora que lapidou cada cidadão para o mundo?

Ser professor significa tomar decisões pessoais e individuais constantes, muito embora se exija uma capacidade criativa elevada e dissipação de muita energia, de modo que boa parte dessa energia acaba sendo direcionada na busca de soluções de problemas de adequação com normas preestabelecidas.

Podemos deduzir que, embora o docente não possa definir a ação educativa (enquanto construção autônoma), há a possibilidade de refletir sobre o papel que ocupa neste processo.

Mas, sozinho, não é capaz de afetá-lo.

Dessa forma, uma de nossas maiores angústias pode ser respondida quando se entende a competência docente como algo não traduzível por técnicas ou habilidades. O professor não é um técnico. Assim como ser jornalista não é ser técnico. É ser antes de tudo um sujeito integrado com o mundo e sabedor de seu papel social.

Ser professor significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de uti-



lizar o seu conhecimento e sua experiência para desenvolver-se em contextos pedagógicos práticos. Isso nos leva à visão do professor como um intelectual, o que implicará maior abertura para a discussão das ações educativas. Além disso, envolve a discussão e elaboração de novos processos de formação, até o de se estabelecer novas habilidades e saberes para esse novo profissional.

Se entendermos que o professor não é um técnico, isto é, que os atuais processos de formação de professores pecam por dar ênfase exagerada aos processos técnicos e metodológicos, não estamos dizendo que a prática educativa pode vir a ser construída apenas a partir da experiência. Pelo contrário, embora não se possa estabelecer uma supremacia de teoria sobre a prática, ou vice-versa, tanto uma como outra são de extrema importância para o processo de ensino.

O processo deve sempre ser pensado como um processo de ação-reflexão-ação. Não podemos imaginar uma ação educativa criada puramente a partir da experiência, muito menos como a mera tradução do saber científico. O ensino deve ser encarado como resultado de um empenho moral e ético, em que o professor e o aluno saibam exatamente quais são seus papéis, e o primeiro tenha consciência de suas atribuições.

Talvez, o maior desafio seja aprimorar as grades curriculares na tentativa da construção de termos

profissionais mais completos. Todos os cursos devem preparar termos profissionais mais completos. Todos os cursos devem preparar seus alunos para algo idealizado em que todas as metodologias são possíveis e positivas; o processo de aprendizagem dá-se sempre de forma linear e inteligente.

Prepara-se para uma escola ideal, mas muito longe do “mundo real”, onde quase nunca as condições mais básicas para a ação educativa estão presentes, é a utopia de todos os educadores, pois a formação do professor ainda hoje é realizada com base em estudos e modelos do passado, baseados numa realidade ideal que nunca se concretizou.

No entanto, acomodar-se diante de tal impasse representa admitir limitações que podem comprometer a formação do profissional nesses “novos tempos”. Tudo indica que não bastam esforços na formação prévia do professor, é preciso estender ações e influências sobre o exercício da profissão, favorecendo situação de análise e reflexão sobre a sua própria condição e experiência.

Os desafios são muitos. É necessário um esforço para reconhecer as contradições da sociedade em que vivemos e refletir sobre isso, dando atenção às questões relacionadas com a nossa área de atuação. Só assim poderemos fazer avançar a educação brasileira.

## LIÇÃO

**TEXTO BÍBLICO**

**JOÃO 13-17**

**TEXTO ÁUREO**

**JOÃO 13.15**

# O QUE É DISCIPULADO CRISTÃO

## PREPARO

### Objetivos

- Compreender que é importante servir uns aos outros, como Jesus demonstrou ao lavar os pés dos seus discípulos.
- Entender que o amor ao próximo foi o maior exemplo que Jesus nos deixou para seguir e que devemos praticá-lo em nossas igrejas.
- Aprender as lições importantes que Jesus nos deixou com a mensagem da última ceia.

## RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

- Quadro-negro e giz.

## TÉCNICA DE ESTUDO

Debate feito entre dois grupos.

Exposição feita pelo professor com a participação da turma.

## AULA

1. Devocional – Dedicar os primeiros minutos da aula para o momento

devocional. O professor pode utilizar uns 10 minutos para esta atividade. Cantar com os alunos. Logo em seguida, pedir aos alunos que façam pedidos e agradecimentos de oração e formem duplas para orarem uns pelos outros.

2. Fazer a leitura inicial da passagem de João 13 com os alunos. Ler de forma dinâmica. Um bom tipo de leitura é por partes. O professor começa o estudo do primeiro tópico, então lê com os alunos os versículos bíblicos referentes a este tópico. Fazer o mesmo com os demais tópicos da lição.

3. Pedir a um aluno para ler o primeiro parágrafo da lição 1 da revista do aluno e dialogar com eles sobre os dois conceitos: discípulo e discipulador: “Quando se pensa na expressão “discípulo” no sentido original, chega-se, como definição, ao conceito de “aprendiz”, “pupilo”, “aluno”. A palavra grega é *mathetes*.

Tal conceito traz consigo a concepção de “disciplina”. A ideia indica que discipulado não se restringe, meramente, em seguir um mestre. Mas implica uma vida de aplicação ao aprendizado, demandando renúncia por parte do discípulo e do próprio discipulador. Inclusive, o discipulado tem a ver com uma proposta que acontece pelas vias da influência, ou seja, não existe discipulado se não houver influência.

4. Analisar com, a ajuda dos alunos, os pontos da lição. A turma será dividida em seis grupos:

- O amor pelo discípulo – João 13.1
- O valor do exemplo do discipulador – João 13.5-17
- A necessidade da advertência – João 13.21-30
- O auxílio para a tarefa de discipular – João 14.26
- Um chamado à obediência – João 15.12-14



Quem não serve  
para servir não  
pode ser discípulo  
de Jesus. Daquele  
momento em  
diante, sua  
comunidade seria  
conhecida pelo  
serviço

- Uma preocupação presente – João 17.15,16

Cada grupo discutirá cada um desses tópicos e sintetizará posteriormente para toda a turma.

5. Expor para os alunos a relação de amor entre Jesus e seus discípulos, como claramente demonstrado na passagem de João 13-17. A grande preocupação de Jesus enquanto fazia sua última refeição com os seus discípulos mais chegados era a continuidade de sua obra na terra. Aqueles homens e mulheres simples, muitas vezes truculentos uns com os outros, alguns arrogantes, outros tímidos, alguns céticos, outros crédulos demais, conseguiriam dar continuidade à obra pela qual ele morreria em breve?

Jesus teve apenas três anos para treiná-los. Estariam prontos para ficar sozinhos? Para o Mestre, in-

dependentemente das fragilidades pessoais de cada um, se eles estivessem coesos, teriam sucesso na missão. E coesão está diretamente ligada com relacionamento. E relacionamento está diretamente ligado com amor. E amor está diretamente ligado com submissão. A submissão gera o amor, que mantém o relacionamento, que preserva a coesão, que alimenta a missão de Cristo na terra.

Quem não serve para servir não pode ser discípulo de Jesus. Daquele momento em diante, sua comunidade seria conhecida pelo serviço. O povo de Deus não passaria a ser conhecido na história como um povo de grandes conhecimentos, de grande poder, de grandes estratégias políticas. Os seguidores do Cordeiro de Deus seriam conhecidos por darem a outra face, por entregarem suas vidas pelo outro.

6. Agradecer a participação de todos e incentivá-los a fazer durante a semana a leitura da próxima lição, como também a leitura bíblica sugerida na revista. É importante o professor lembrar os alunos das leituras e incentivá-los a participar em classe.

7. Encerrar a aula com oração. Agradecer a Deus pelo seu sacrifício na cruz em nosso lugar. Pedir que Deus nos una cada dia em fraternidade, e que aprendamos a servir-lo melhor, como também aos nossos irmãos.

## LIÇÃO

## 2

# CARACTERÍSTICAS DO DISCIPULADO CRISTÃO

**TEXTO BÍBLICO**

2TIMÓTEO 2;  
1JOÃO 2; 2JOÃO  
1-13; 3JO 1-15

**TEXTO ÁUREO**

1JOÃO 2.15,16

**PREPARO****Objetivos**

- Demonstrar o preparo necessário para uma boa relação entre discipulador e discipulando.
- Indicar a relevância da pureza doutrinária para a boa mensagem do líder cristão.
- Esclarecer que sem fé é impossível agradar a Deus e exercer com integralidade a missão do discipulado.

**RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS**

- Quadro e caneta;
- Papel ofício.

**TÉCNICA DE ESTUDO**

Aula expositiva, por meio dos tópicos-chave. Evitar fazer “longas” leituras do texto da lição. Isso cansa a turma. Estudar, extrair as sentenças-chave, lançar questionamentos para seus alunos, ouvir suas conclusões acerca do material exposto. Terminar apresentando suas considerações finais.

**AULA**

1. Iniciar sua aula apresentando aos alunos o assunto a ser estudado nessa aula. Escrever no quadro: CARACTERÍSTICAS DO DISCIPULADO CRISTÃO.

2. Escolher dois ou três alunos e perguntar o que eles esperam aprender nesta aula. Registrar as informações. Encerrar essa fase inicial com um momento de oração, apresentando alunos e professor diante de Deus.

3. Fazer a leitura dos textos bíblicos definidos para a lição com os alunos. Escrever as referências bíblicas no quadro.

4. Trabalhar, expositivamente, os tópicos-chave que seguem:

## **O preparo necessário** **- 2Timóteo 2.15**

- Discipulado demanda preparação;
- O líder cristão precisa ser um obreiro aprovado diante do Senhor, não somente pelo testemunho, mas pela capacidade de contextualizar a mensagem da Palavra de Deus à vida de seu discípulo;
- É preciso saber manejar bem a Palavra, fazendo uma interpretação fiel às Escrituras;
- Karl Barth: É preciso ter em uma das mãos o jornal e na outra a Bíblia.



## **A fidelidade doutrinária**

### **- 2João 7-9**

- A melhor maneira de manejar a Palavra de Deus é pela fidelidade doutrinária;
- A doutrina fiel e verdadeira sempre é medida pelo lugar que Cristo ocupa em seus ensinamentos;
- Discipulado cristão tem por princípio se caracterizar por apresentar Jesus Cristo como único e suficiente Salvador.

## **O acompanhamento do progresso**

### **- 3João 3,4,14**

- O discipulado cristão envolve o acompanhamento. Referido processo não permite abandono dos filhos na fé;
- O discipulador precisa ajudar e, eventualmente, virá a celebrar ou se decepcionar com a vida do discípulo;
- Não é possível deixar o novo convertido tentando sobreviver à própria sorte;
- Crentes pouco instruídos são incapazes de identificar os perigos dos "lobos roubadores".

## **A fé para prosseguir - 1João 5.1-4**

- A conversão se constitui como a mudança de mente e de vida como um todo, deixando para trás as coisas do mundo;
- O firme fundamento da esperança não está, necessariamente, baseada



*O firme  
fundamento  
da esperança  
não está,  
necessariamente,  
com base nas  
coisas que se  
enxergam, mas no  
que não se vê*

nas coisas que se enxergam, mas no que não se vê;

- Sem fé é impossível agradar a Deus;
- A fé se confirma na certeza de que, não vendo, precisamos observar o que Cristo prescreve que vivamos em nossas palavras, ações e atitudes.

5. Distribuir pedaços de papel entre os alunos para que escrevam o significado das palavras: FIDELIDADE e FÉ. Recolher as respostas e ler cada uma para ver o que os alunos entendem desses termos. Encerrar a dinâmica, explicando como estas características são importantes para a vida do líder cristão.

6. Fazer aplicação das verdades aprendidas à vida dos presentes e orar, pedindo a Deus que alunos e professor tenham uma vida cristã vitoriosa. Agradecer a presença e participação dos alunos e visitantes.